SABi
UFRGS 05914973

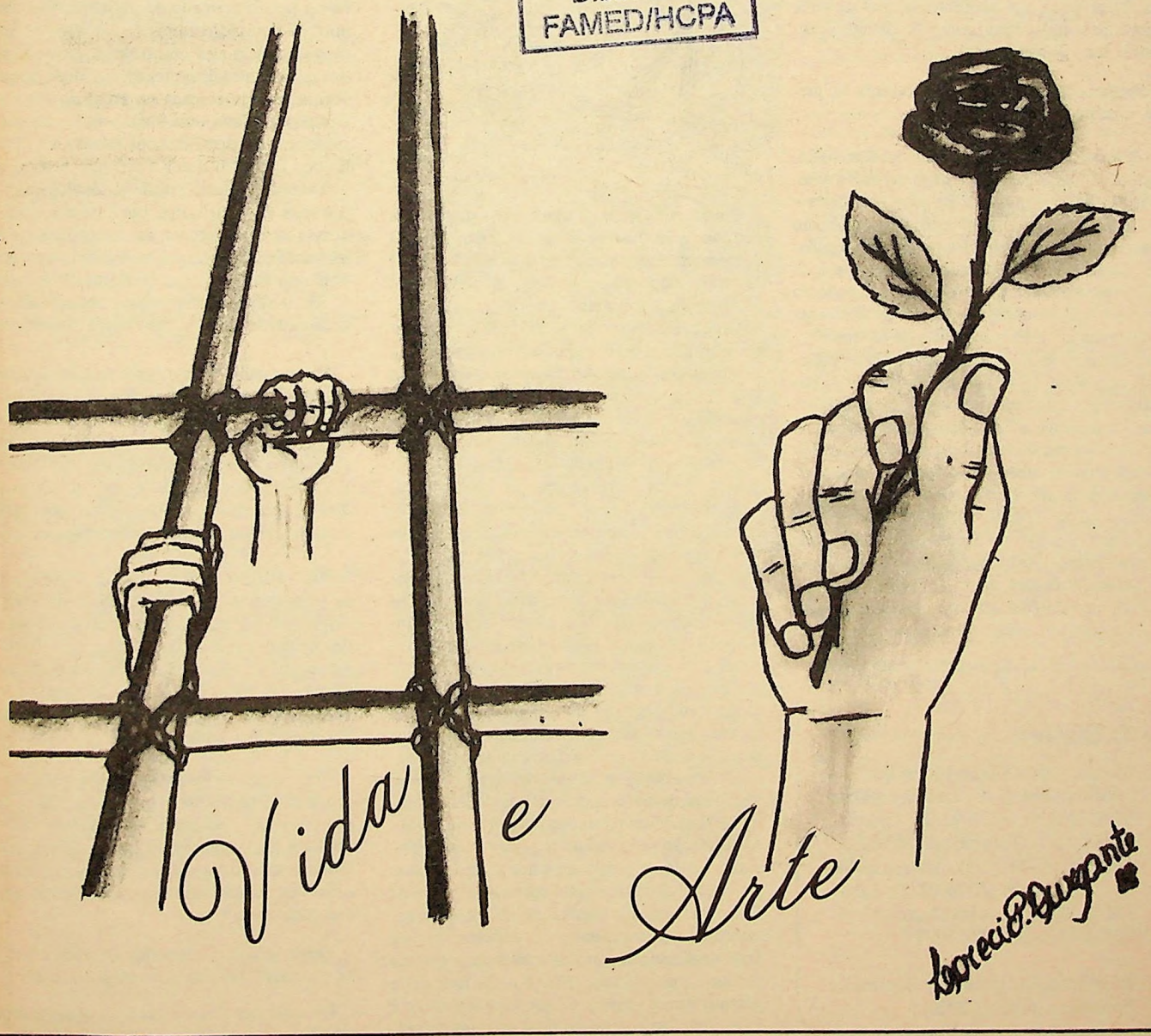
O BISTURI

CENTRO ACADÊMICO SARMENTO LEITE

ANO 44
JUNHO 1989
Nº 01

LIBERDADE

Biblioteca
FAMED/HCPA



Editorial

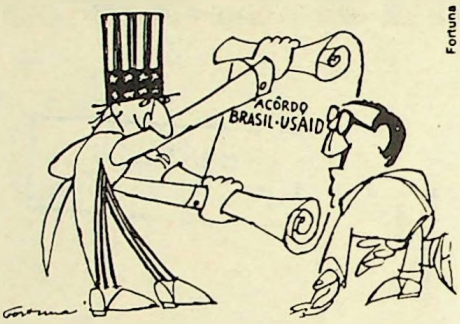
"E Assim Caminha a Medicina"

Este número marca a volta de "O BISTURI", jornal que estava parado desde outubro de 88. O Jornal é aberto a quaisquer matérias de estudantes de Medicina (ou de outros cursos), é de distribuição gratuita, e aberto a novos interessados além daqueles do expediente. Cabe dizer também que não estamos aqui representando alguém (a não ser nós mesmos, é claro) e não estamos "fazendo o jornal" para os outros estudantes. O Jornal tem patrocínio que cobre os custos de NCz$ 300,00 por mês.

Voltamos num momento importante: quase no final de uma greve (parcial) de professores, funcionários e estudantes (aqui muito mais parcial). As últimas notícias diziam que um acordo entre ANDES, FASUBRA, UNE com o MEC e a Secretaria do Planejamento estava encaminhando, com um aumento de verbas de 2,5% para 16% de OCC (outros custeios de capital), o que daria para assegurar o funcionamento das Universidades pelo menos até agosto. Além disso, um aumento salarial de 40% estava garantido. Mas, como no planalto central o imobilismo impera...

Agora, quanto à atuação estudantil na greve, algumas palavras...

A universidade pública brasileira tem, historicamente, uma tradição elitista, tanto na composição de seus quadros dirigentes, discente e docente, quanto por sua posição de afastamento em relação às necessidades básicas da população brasileira. Esta situação agravou-se principalmente após o golpe de 64 e da formação do Acordo MEC — USAID em 65 (a "Reforma Universitária"). Esta Reforma de 68 tinha como linhas privatização de Universidades públicas, privilégio das privadas, dissolução de organizações estudantis (através da repressão e "desaparecimento" de líderes), pela criação de instituições paralelas às antigas, ligadas às Reitorias e dominadas por estudantes, digamos, "não engajados ("apolíticos"), no mínimo. Com a Reforma de 68 a Universidade pública sofre um processo de retrocesso de qualidade do profissional formado, bloqueando qualquer tentativa de caráter crítico, inovador, transformador da realidade em que se insere. Assim, a Universidade pública brasileira assume sua postura de conservadorismo da situação social desigual vigente, não se preocupando em lançar novas idéias (apenas copiar — raras são as exceções), e em formar pessoas que tenham seus interesses voltados para a melhoria de condições de vida da população. Impera hoje um clima de marasmo, de descaso com a Educação (vide baixo nível de Ensino oferecido), reduzida produção de conhecimentos com retorno social e pequeníssima extensão social dos conhecimentos desenvolvidos. Sustentada pela maioria da população brasileira, serve mais como um trampolim para a ascensão sócio-econômica dos que a freqüentam (e até esta função vem se esgotando!).



— Usaid e abusaid

E nós, estudantes de Medicina, que temos a ver com isso? Não se sabe. Ninguém sabe. O processo de mobilização entre os estudantes de Medicina não passou de duas ou três assembléias onde houve massiva participação com o único e claro intuito de se VOTAR — e nunca permitir discussão aprofundada — contra uma possível paralisação. A vontade de votar era tão grande que teve momentos em que as pessoas nem sabiam mais o que estavam votando, estavam apenas votando... A proposta de mobilização que foi tirada da assembléia da Medicina foi a de que os estudantes não paralisariam suas atividades e optariam por lutas diversas, como passeatas, sensibilização através de manifestos, fóruns de discussão, etc. (infelizmente apenas pessoas dos primeiros semestres — especialmente o primeiro, mais alguns gatos pingados dos outros levaram a sério tudo isso). Comissões, subcomissões, comandos foram criados por turmas e não chegaram a ter a eficiência e aplicabilidade desejadas. Ou seja, num momento de crise como a deflagração de uma greve, onde a ansiedade e a incerteza permeiam até mesmo o discurso do comando, lançamos mão de sistemas sociais como mecanismos de defesa contra esta ansiedade. Tais comissões adquirem complexidade e grau de burocratização tão grandes a ponto de inviabilizarem qualquer propósito a que se destinavam. É simples: discutir nossas condições atuais de Ensino e formação implica em que se tenha conhecimento e consciência das deficiências e do grau de distanciamento da realidade que nossa formação possui hoje. Não é nada fácil de se discutir nestes termos. O que significa então é esse imobilismo geral no qual estamos mergulhados. Dejours acredita que mesmo indivíduos dotados de sólida estrutura psíquica podem ser vítimas de paralisia mental induzida pela organização do trabalho. Tal situação pode facilmente ser transposta para o contexto no qual vivemos: nossa formação, fragmentada em inúmeras disciplinas onde, muitas vezes, a integração não sai do projeto de elaboração, provocando uma inadaptação entre estudante e o Ensino proposto a ponto de tornar o destino do estudo desconhecido, sem significado. Esta situação tem frustrado os estudantes, que vem adotando uma postura individualista e corporativa: nada que não seja "estritamente" médico interessa. Isto, também, porque os jovens (a maioria deles) estudantes de medicina em sua grande parte provêm de uma classe média para rica, pois nesses vinte anos houve uma elitização cada vez maior do ensino de 3º grau. Esses jovens não sabem o que significa Vivência Universitária, pois o que esperam da Universidade? Esperam única e exclusivamente uma capacitação técnica que os possibilite competir e entrar para o mercado de trabalho. Não tem o mínimo comprometimento com alguma espécie de luta para melhorar o Brasil, primeiro porque estão muito distantes da realidade do país. Formação que começa na Família. Na nossa Educação é dada uma ênfase muito grande às ciências biológicas. E, com relação à Ciência, foi-nos ensinado que a Ciência é neutra, que está acima das lutas políticas, ideológicas e estruturais e, justificados por este discurso, os nossos cientistas pesquisam alienadamente nos laboratórios das nossas Universidades sem questionarem a quem estão servindo. E fazendo a "Ciência neutra" perpetuam a situação da nossa sociedade e servem às classes dominantes.

E que posição tomamos? Abstenção, "não é comigo". Abstemos-nos porque — e talvez seja menos doloroso pensar assim — na maioria das vezes não temos informação o suficiente, elucidação histórica para elaborar uma opinião. É claro que a coisa não é tão simples assim. Todo o marasmo em que vivemos tem causas muito complexas e que não abordaremos aqui.

Não achamos que os estudantes de Medicina (e os outros jovens) estejam totalmente satisfeitos com a vida que levam, com a sociedade que tem, com a Faculdade em que estudam. Ao contrário, há uma insatisfação grande, pois, afinal, vida é conflito, e jamais haverá aquela situação em que estaremos totalmente tranqüilos, realizados, satisfeitos.

Mas, apesar de insatisfeitos, não sabemos como lutar, estamos descrentes, incrédulos, sem perspectivas... Ninguém dá credibilidade aos políticos (tem alguns que não merecem mesmo), todos os modelos de resolução falharam, o "inimigo" está muito disperso no ar. Contra o quê e contra quem lutar?

Quais seriam as maneiras de se intervir nesse processo? Não se sabe. Alguém sabe?

De qualquer forma, assim caminha a Medicina...

Expediente:

O Bisturi:

Márcia (ATM 94/2); Maria da Glória (ATM 94/1); Leandro (ATM 93/2); Maira (ATM 93/2); Loreci (ATM 93/1); Ricardo (ATM 93/1); Vanessa (ATM 93/1); Andréa (ATM 92/2); Chou Yi (ATM 92/2); Joba (ATM 92/2); Luís Fernando (ATM 92/2); Marsal (ATM 92/2).

Diagramação, fotolitos e impressão: Fotoletras (fone 33.2020)

Crônica (Surreal) De Um Amor Louco

Bicho acuado (adormecido em ti).

Acordou mais cedo do que de costume (era o sinal).

Sentia-se (novamente) bicho acuado.

Solidão. Angústia. Ansiedade. Desespero (o sentir-se impotente é ruim). Loucura. Paixão. Louca paixão.

Tudo num misto de emoções e um fervilhar do sangue que ele definia como "Bicho acuado".

Caminha de um lado para outro no quarto vazio. Sente-se como um prisioneiro em um dia de sol. Sabe, pelos ruídos que vêm de fora, que há vida do outro lado. De um jeito ou de outro, centenas de pessoas (algumas bicho acuado como ele) caminham para algum lugar (ou assim o pensam) no formigueiro (carente) humano.

Decide sair. É imperativo, imprescindível, compulsivo, sair. Calça e camiseta leve bastam. Olha no espelho as olheiras. Rosto cansado. Sai.

Na rua, estranha ter, de novo, aquela sensação (misto de boa e má) de não ser notado no meio da multidão. Não entende a pressa dos paisanos. Correm, atropelam-se (alguns fogem de máquinas que quase lhes atropelam); chocam-se (alguns pedem "desculpe", outros xingam). Reúnem-se em pequenos grupos (de média de idade mais elevada) que discutem a "situação político-econômico-etc. caótica do país" como diz um deles (falam apenas em trocas de alguns nomes no Governo, não em mudanças estruturais — "isto é subversão!", nos respondem, "contra os interesses do país" dizem os donos da situação). Agora, a rua espelha um retrato um tanto surreal/paradoxal (ainda que em "pequena escala" aos que se dizem — serão realmente? — "insentimentais") da realidade que nos cerca: alguns poucos caminhamos juntos, braços dados; a maioria, caminha sozinha; outros, perdidos (que multidão!).

Bicho acuado sente-se um pouco mais tranqüilo quando passa pela banca das flores. A menininha (deve ter uns oito anos) que costuma lhe vender rosas sorri. As mulheres (e não apenas estas, também os homens, pois quando uma enamorada lhe dá uma flor...) gostam de receber flores.

Equivalem a um beijo apaixonadamente iluminado. A secar as lágrimas da pessoa amada.

Senta no banco da praça. Vê os pombos (a esta altura, domesticados, mas ainda com seus resquícios de liberdade selvagem) e algumas crianças (domesticadas também, mas não tão livres — têm apenas a liberdade (tão maleável) da ingenuidade da infância). Duas crianças. Lado a lado. Classes sociais diferentes (vê-se pelas roupas). Jogam pipocas aos pombos. Uma é engraxate, a outra é observada pelo pai. Inimigos de classe? Aqui, apenas se divertem juntas jogando pipocas aos pombos. E se, daqui a uns trinta anos (pelas contingências de diferenças sociais dominadoras perpetuadas), madrugada, estes dois encontrarem-se novamente? Aqui, nesta mesma praça. E, se um deles (qual deles?) puxar uma arma, e o outro reagir? Mais ódio, violência e sangue por alguns pedaços de papel colorido (que podem, veja só, significar não passar fome). Agora, bicho acuado imagina a vida daquelas crianças. Os preconceitos, as humilhações, as doutrinações que lhes são impostas "naturalmente" (?) (ou socialmente, culturalmente). Espera que quando crescerem não... Não. Apesar de tudo, ainda acredita na raça humana.

Caminha ao parque. Caminha pelo parque. Gosta dali (há um brique muito bom aos domingos, e bancos onde grandes amigos podem sentar para apoio mútuo). Não compreende o porquê da destruição indiscriminada das florestas. Matamos a nossa fonte de vida. "Tudo pelo progresso e desenvolvimento", lhe argumentam. Desenvolvimento e progresso financeiro de alguns poucos. Não é contra o desenvolvimento, mas pensa que para este realmente existir deve haver desenvolvimento pleno das capacidades individuais e coletivas de cada um (nada de dominações — e aqui não apenas repressão, mas também "produção" via cultura). Alguns lhe taxam de "idealista". Idealista acreditar no Homem? Desilusão. Mas não se entrega. Continua.

Volta para casa. Anoitece. À noite, os assaltos são mais freqüentes (sejam eles de quaisquer natureza). Neurose latente no cidadão que caminha a sua frente (passos rápidos, olhar para os lados freqüente, procurando...). Alívio, pois o cidadão avistou a autoridade presente. A Autoridade pode bater, prender, oprimir, pedir números, em série que te identificam... A Autoridade protege (?). "O Estado dá sua Proteção ao cidadão". Microrrealidade do terrorismo de Estado. O aparelho de dominação (mais que uma repressão, mais que ideológico), mantenedor do poder monta-se de tal forma que quase não o percebemos a nossa volta, em nossas próprias ações. Procura um lugar onde isto não exista, tanto "ocidentais" como "orientais". (Des)Ilusão. "Utópico" taxaram-lhe. A hipocrisia não está no lutar pelo poder, mas sim chegar ao poder e (mantendo as antigas estruturas de relação) usá-lo para reprimir aqueles que você julgava os opressores.

Da sacada apartamento ele pode (ainda) ver o rio que banha sua cidade amada, entre os edifícios. Agora, a noite já caiu. Com ela as estrelas e uma grande Lua. Fascinante. Romântica. Viaja no tempo, relembra o amor desfeito passado. Volta (melhor viver no presente). Pensa, então, nos olhos castanhos que lhe prendem a alma ("olhos castanhos" é uma qualidade, não substantivo). Olhos inspiradores, brilhantes (de paixão) queria ver (os olhos de uma pessoa são muito mais belos quando brilhantes). Cabelo de receber carinho. Como controlar este sentimento, te ver e não poder te tocar? Instintos sem razão. Atração. Te quero, te desejo, neste lugar, nestas pessoas, em ti, em mim. És bela, muito bela. Mulher. Como seria se eu te tocasse, se eu te beijasse? Eu receio que sei ... Gostaria de saber. Me atrais, tu Mulher. Bela Mulher. É compulsivo. Tua nuca, teus olhos escondidos. Neste lugar. Nestas pessoas. És espelho, meu reflexo. Não és real. Somente me chamas (meu corpo em chamas) Desejo o desejo. Queria o querer. Me faz tremer. Queria poder te ... Amar a outra pessoa é amar todos os momentos que não conheço (mais sei que vou amar). Em palavras. Difícil explicar. Fácil e gostoso sentir.

Mas não sabes o que acontece comigo, e não queres saber o que acontece contigo. Suspiro, é assim. Será mesmo que Tu não és para mim? Te espero.

Prepara-se para o sono (rendido pelo cansaço). Sabe que amanhã será mais um dia daqueles. Não faz mal. Por certo sonhará ("Você é o único homem que, ao acordar, não lembra do que sonhou" — G.G. Márquez). Sonhará, pois ainda não lhe tiraram o direito de sonhar (se o tirassem do Homem, o que restaria dele?). Nem o de viver (até este momento).

Deixa estar. Tudo bem.

Afinal, ainda acredita na Raça Humana (busca o caminho).

(Até quando ...?)

Marsal e
Andréa Trindade (ATM 92/2)

Bibliotéca
FAMED/HCPA

É Preciso Fazer Alguma Coisa

Thiago de Mello

**Escrevo esta canção porque é preciso.
Se não a escrevo, falho com o pacto
que tenho abertamente com a vida.
E é preciso fazer alguma coisa
para ajudar o homem.**

É tempo

**Apesar do próprio homem, ainda é tempo
Apesar desta crosta que cultivas
com amianto e medo, ainda é tempo.
Apesar da reserva delicada
das toneladas cegas mas perfeitas
de TNT pousando sobre o centro
de cada coração — ainda é tempo.**

**Dentro do riso torto que disfarça
a amargura da tua indiferença,
na mágica eletrônica dourada,
no milagre que acende os altos — fornos,
no desamor das mãos, das tuas mãos,**

**no engano diário, pão de cada noite,
o homem agora está, o homem autômato,
servo noturno do seu próprio mundo,**

**como um menino cego, só e ferido,
dentro da multidão.**

Ainda é tempo.

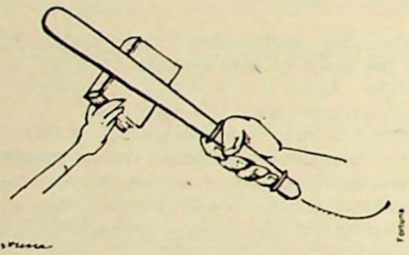
**Sei porque canto: se raspas o fundo
do poço antigo de tua esperança,
acharás restos de água que apodrece.
É preciso fazer alguma coisa,
livrá-lo dessa sedução voraz
da engrenagem organizada e fria
que nos devora a todos a ternura,
a alegria de dar e receber,
o gosto de ser gente e de viver.**

É preciso ajudar.

Estágios Internacionais

A Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM) está realizando um intercâmbio com Associações Estudantis de outros países. Este tem como objetivo dar a oportunidade de estudantes brasileiros realizarem estágios no exterior e que estudantes de outros países possam vir ao Brasil. A primeira etapa deste projeto já foi efetivada em janeiro e fevereiro deste ano em que 15 estudantes brasileiros realizaram estágios em vários países europeus e em julho e agosto estaremos recebendo estudantes europeus.

Os estágios oferecidos são em área clínica que pode ser realizado, conforme a opção, nos seguintes países: Suécia, Portugal, Itália, Espanha, Dinamarca, Holanda, Suíça, França, Finlândia, Noruega, Iugoslávia, Áustria, Polônia, Grécia, Turquia, Líbano e alemanha Ocidental. Zimbabue, Gâmbia e Sudão — nestes países são oferecidos estágios em Atenção Primária à Saúde com 3 meses de duração.



— O período de duração dos estágios é de 4 a 8 semanas em janeiro e fevereiro ou julho e agosto;

— As inscrições devem ser feitas no Centro Acadêmico até final de março para julho e agosto e até final de agosto para janeiro e fevereiro;

— Para realização do estágio é necessário ter feito uma disciplina clínica.

Material para a inscrição:

— Preencher a ficha de inscrição (pode ser encontrada no CASL)
— 4 fotos 5 x 7
— Pagar a taxa de 10 dólares no câmbio turismo.
— Fazer uma carta de apresentação em português e na língua do país solicitado. A carta deve dizer que tipo de interesse tem no estágio, o que o levou a solicitá-lo, porque quer realizá-lo, se já tem experiências na área, porque escolheu aquele país, expectativas com relação ao estágio, etc.
— Apresentar um resumo do currículo.

Haverá uma pré-seleção a nível local e uma seleção final no país solicitado. O estudante que tiver aceitação do estágio deverá pagar uma taxa adicional de 25 dólares.

A estadia e alimentação ficará a cargo do país solicitado. A passagem será por conta do estudante interessado.

Vivemos em tempos bicudos, onde já não se tem mais tempo para ler. A solução para isto pode estar no "microconto":

Lembranças

Eulálio e Nogueira foram colegas de trabalho durante grande parte de suas vidas. A rotina da repartição transcendia os tênues limites estabelecidos pela gloriosa carreira de procuradores do estado, título que ambos ostentavam com muito orgulho. A mesmice do trabalho era compensada pela altivez de um cargo tão nobre na pobre e frágil república de Alhures.

Numa ensolarada manhã de domingo, Eulálio resolve saber a quantas anda a vida do seu colega preferido, que há muito não via, o procurador Nogueira. Aguarda com impaciência o sinal do telefone indicando que está chamando. Alô. Do outro lado da linha, a voz grave de uma senhora. — Por favor, poderia falar com o Nogueira? Aqui é o Eulálio — Eulálio, você se esqueceu que o Nogueira faleceu no ano passado? Estupefato, Eulálio pede mil desculpas à Abigail, viúva do amigo, e sem jeito, se despede.

Abigail, estarrecida com o ocorrido, pensa, por alguns instantes, sentada em sua confortável poltrona da sala que dá de frente para uma fotografia do finado Nogueira. Teria Eulálio feito uma brincadeira? Estaria demenciando? Resolveu ligar para sua melhor amiga, Augusta, que vinha a ser justamente a esposa do procurador Eulálio.

— Alô, Augusta? Aqui é Abigail. Tu não sabes o que me aconteceu agorinha há pouco. Teu marido me telefonou...

— Ei, esperaí — interrompeu Augusta — Abigail, o Eulálio é falecido há alguns anos!

Neste instante, Abigail, mais estarrecida que por ocasião do primeiro telefonema, concorda com a amiga que ambas devem deixar de lado um pouco as tristes lembranças, que começavam a interferir na vida de cada uma.

Abigail se despede da amiga e fica a pensar no que se passara por ocasião dos últimos instantes desta ensolarada manhã de domingo.

Nisto, toca o telefone...

Ricardo — ATM 93/1

Cultura Inútil e Curiosidades

VOCÊ SABIA?

— As picadas das abelhas curam reumatismo. Grande número de reumáticos conseguiu alivio com este método, devidamente controlado. Algumas abelhas são colocadas em um vidro sem tampa, colocado sobre o membro afetado; as abelhas picam imediatamente, irritadas pela prisão.

— Os primeiros diafragmas anticoncepcionais, século atrás, eram anéis cítricos, metade de uma casca de laranja, por exemplo.

— Cada cinco centrímetros quadrados da pele humana consistem de 19 milhões de células, sessenta pêlos, noventa glândulas sebáceas, seis metros de vasos sanguíneos, 625 glândulas sudoríparas e 19.000 células sensoriais.

— A massa mole do cérebro adulto é imóvel. Embora consuma mais de 25% do suprimento de oxigênio do sangue, não cresce, não se divide e não se contrai.

— As pupilas de nossos olhos podem indicar nossas emoções, se outra pessoa puder observá-las. Quando se quer pechinchar por algum objeto muito desejado, é mais seguro usar óculos escuros, pois as pupilas podem se dilatar, revelando o interesse, e provavelmente acaba-se pagando mais do que a mercadoria realmente vale.

— O Dr. Rene Laennec (1781-1826) enrolou um pedaço de papel e colocou uma das pontas do tubo assim formado no peito de uma paciente muito gorda cujo coração não conseguia ouvir. Escutou na outra ponta do tubo de papel. Este "estetoscópio" foi a inspiração para que Laennec inventasse o verdadeiro estetoscópio, quando trabalhava no Hospital Necker, em Paris.

— Para cada 50g de álcool que ingerimos é preciso uma hora para recuperar por completo a capacidade de dirigir um automóvel, isto é, reações rápidas e conscientes. Se tomarmos 250g de álcool mais ou menos às 20 horas, não se deve dirigir até pelo menos 1 hora do dia seguinte.

— O médico chinês Hua T'o, nascido mais ou menos entre 140 e 150 D.C., foi o primeiro médico de que se tem notícia a operar usando anestesia geral. O medicamento usado era uma mistura de haxixe e um vinho forte chamado ma fei san. Antes da revolução comunista, comemoravam o aniversário de Hua com feriado nacional.

— A penicilina, o primeiro antibiótico, foi descoberta por acaso em 1928. Sir Alexander Fleming esqueceu-se de cobrir uma bandeja rasa que continha uma experiência bacteriológica, em seu laboratório na Inglaterra. Um funcionário que realizava uma experiência com mofo, no andar superior, inadvertidamente deixou cair algumas gotas pela janela, sobre a cultura de estafilococos de Fleming. No dia seguinte, o bacteriologista escocês verificou que havia na bandeja uma área onde as bactérias tinham sido destruídas pela penicilina do mofo.

— O líquido contido no interior do coco verde pode ser usado, em caso de emergência, como substituto do plasma sanguíneo. Esta propriedade foi descoberta durante a Segunda Guerra Mundial. Os médicos trabalhando em Fiji descobriram também que as incisões cirúrgicas cicatrizam mais rapidamente quando costuradas com fibra de coco esterilizada, em lugar do categute.

— A gripe recebeu também o nome de influenza porque acreditava-se que a doença era devida à má "influência" dos astros. Pensava-se também que esta "influência" dos astros provocasse pragas e pestes.

— A técnica de diagnosticar tomando o pulso do paciente surgiu na China há dezenas de séculos. Foram identificados cinqüenta e um tipos de pulsações em diferentes partes do corpo. Cada um deles relacionava-se a uma doença.

Chou Tsing Yi ATM 92/2
Extraído do livro dos fatos de Isaac Asimov

Política, porém apartidária

Ao longo de sua história, a Universidade constituiu-se como um grande veículo de expressão e ação política estudantil, além de importante e imprescindível visto que é um meio de participação deste segmento dentro da sociedade. Isso, entretanto, não vem ocorrendo da forma mais democrática, visto que a grande maioria dos que falam, nos representam, possuem uma identificação partidária, seguindo a sua ideologia e funcionando como núcleo de suas respectivas atividades e interesses.

É necessário desvincular o Movimento Estudantil dos partidos políticos, independentemente se esteja ligado a grupos de esquerda ou direita. É preciso dar menos importância a problemas que não nos compete resolver como a questão da dívida externa, do FMI e do Clube de Paris. Vamos nos ligar mais na caótica situação da Educação, na péssima preparação profissional que temos, na sujeira em que estudamos, entre outras infinidades de coisas negativas as quais somos submetidos no âmbito acadêmico.

Se quisermos mudar, temos que lutar e para isso é preciso manter uma unidade, individualizada, com um perfil próprio, sem o interesse de partidos políticos oportunistas que se aproveitam de nossa força para crescer.

Rogério Sarmento Leite
ATM 92/2

Zelio

Em Busca da Liberdade Perdida

"Graças à doutrina do livre arbítrio e à crença no livre pensar, somos levados a acreditar que agimos e pensamos livremente, mesmo quando nos submetemos a normas preestabelecidas". (Modificado de Nietzsche, F.).

Esta frase também serve para tentarmos entender o porquê acreditamos em tabus como o voto, a democracia e a representatividade (substantivos tidos como paradigma de uma sociedade livre). A democracia, herdada dos gregos, tenta nos fazer crer que pode haver uma igualdade entre os desiguais. A democracia, no que tange ao processo eleitoral, nada mais é do que a ditadura da maioria sobre a minoria. O fato de, eventualmente, fazermos parte de uma minoria não quer dizer que estejamos, nescessariamente, "errados" e, por conseguinte, tenhamos que acatar uma decisão com a qual não concordamos. Acho estranho esse sistema eleitoral. Votamos em "uns" e somos governados por "outros". É como ir a um bar, pedir cerveja, ganhar leite e ser obrigado a beber. Será possível gozar com a piça alheia? Então como pode alguém ser meu representante? Porque delegar o meu destino a um estranho que não sabe o que eu penso sobre uma infinidade de assuntos? Só sei o que eu penso. Representatividade é voyeurismo político.

Existe uma coisa comum a todos os partidos, a ânsia pelo poder. O desejo insaciável de alcançar o poder político para, então, exercer seu autoritarismo. Será que não poderia ser diferente? Sem doutrinas, nem sistemas, sem líderes e sem autoridades repressoras, deixando caminho aberto para todas e quaisquer iniciativas espontâneas e individuais. O poder político (tanto macro quanto micro) é incompatível com a liberdade social e pessoal.

Luís Fernando Rivero 92/2 SET/88

Eclipse Oculto

Andamos pelos corredores da nossa Faculdade, a entrar e sair de salas, a tentar absorver matérias. Aprendemos a como fazer provas e até mesmo como nos alienarmos do mundo. Com o rosto branco, confundimos política com politicagem, protesto com agressão, o silêncio com submissão, aprender com passar em provas, amar com um simples beijo. Lá fora o tempo não pára, o mundo gira e a história se faz. E nós? Bem... Fazemos parte de um Todo, onde se aprende tecnologia de ponta, casos raros e doenças "bonitas de aprender", enquanto problemas básicos como desnutrição, diarréia e morte de crianças por estes problemas simples são deixados "um pouco de lado". Em meio a isto talvez estejamos nos acordando para esta estrutura que tenta formar médicos alheios da realidade. E, mais do que isso, é preciso ter consciência de que cada ato nosso carrega o peso de contribuir para o futuro deste Todo. Mas, como contribuir? Talvez o primeiro passo deva ser dado dentro de nós. Acho que não há condições de contribuir para alguma coisa se não acreditarmos nela, se não tivermos a nossa liberdade interior conquistada, se ela não nascer em nós, brotar ali no nosso íntimo. Conseguindo esta liberdade interior então despiremo-nos de preconceitos e nos interessaremos por coisas que são de nossa responsabilidade também, mas que negamos (mecanismos de defesa?). Aí realmente aprenderemos (mesmo porque estaremos gostando de aprender), saberemos o que significam palavras como "política" e "democracia" e também — porque não? — saberemos amar de verdade.

Loreci P. Durgante
ATM 93/1

Biblioteca
FAMED/HCPA

A Casa dos Loucos

Primeiro, algumas palavras sobre Produção de verdade. Exemplo: o médico na "crise" da doença: quando a natureza profunda da doença sobe à superfície e se deixa ver, se desfaz de seus entraves e decide o seu futuro — favorável ou desfavorável. É aqui em que o médico pode e deve participar. Esta participação (pela inserção de uma ação terapêutica) deve se impor à "crise" como um momento de verdade da estratégia terapêutica. No pensamento e na prática médica, a crise era ao mesmo tempo momento fatal, efeito de um ritual e ocasião estratégica. Outro exemplo: a prova judiciária como ocasião de se manipular a produção de verdade. O duelo no qual se confrontam acusado e acusador ou seus representantes não é uma maneira grosseira e irracional de "detectar" a verdade e de saber o que tinha realmente acontecido quanto à questão em letígio. É, sim, um ritual de prova de força (ou sorte?) que dá a vitória a um dos adversários. E a posição do juiz não é a de um pesquisador tentando descobrir uma verdade oculta e restituí-la na sua forma exata, mas sim de organizador da sua produção, autentificar as formas rituais na qual tinha sido suscitado. A verdade é o efeito produzido pela determinação ritual do vencedor. Esta tecnologia da produção da verdade não é "encontrada em algum lugar" e sim suscitada, produzida; provocada por rituais: estratégia e não método; não é relação de objeto a sujeito de conhecimento; é uma relação que luta belicosamente por controle, dominação e vitória: uma relação de poder.

Nesta perspectiva podemos abordar a Psiquiatria: a partir do ritual de confissão como prova acerca de um crime, erro ou desejo louco. Confissão ritual, suplício, interrogatório. Passagem da verdade (prova à verdade) à constatação. A confissão apareceu no inquérito jurídico-político na Idade Média, afirmou-se no momento das grandes descobertas (a verdade em qualquer lugar e tempo) e consolidou-se na experimentação científica: produção de fenômenos numa aparelhagem de laboratórios. Produção da verdade como produção de fenômenos constatáveis por todo sujeito de conhecimento. Este processo é acompanhado pela emergência de um poder político sob a forma do Estado, a expansão das relações mercantis pelo planeta e o estabelecimento das grandes técnicas de produção. Formas de "poder-saber" na "infra-estrutura" que dão lugar à relação de conhecimento sujeito-objeto como norma do "saber".

À história da Psiquiatria, poderíamos traçar um paralelo com a História da Medicina e do Hospital (que se confundem a partir, principalmente, do século XVIII). O Hospital nem sempre foi lugar de "internação", "enfermos", "médicos". Antes do século XVIII, também, a loucura não era sistematicmente internada, e era essencialmente tratada como uma forma de erro ou de ilusão. A loucura podia viver no mundo e só seria separada no caso de tomar formas extremas ou perigosas. A terapêutica indicada era a natureza, já que esta era a forma visível da verdade então. Isto foi levado em conta ainda na construção de um Hospital Psiquiátrico (Esquirol — psiquiatra — recomendava que cada cela fosse aberta para a vista de um jardim).

> ***"Nem tudo é verdadeiro, mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em todo lugar".***
>
> **Michel Foucault, sobre a prática científica.**

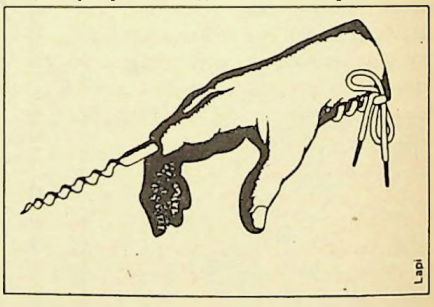
A prática do internamento começa no início do século XIX, quando a loucura passa a ser percebida não com relação a "erro", mas sim com relação à conduta regular e normal. Não mais como julgamento perturbado, e sim como desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre. Não mais o eixo verdade-erro-consciência, e sim o eixo paixão-vontade-liberdade. Vide a citação de Esquirol: "Existem alienados cujo delírio é quase imperceptível, não existe um no qual as paixões, as afeições morais, não sejam desordenadas, pervertidas ou anuladas... A diminuição do delírio só é um sinal efetivo de cura quando os alienados retornam às suas primeiras afeições". A cura seria "a volta às afeições morais dentro de seus justos limites, o desejo de rever seus amigos, seus filhos, as lágrimas da sensibilidade, a necessidade de abrir seu coração, de estar com sua família, de retomar seus hábitos."

O asilo, o Hospital Psiquiátrico surge com a função do Hospital não-psiquiátrico: a descoberta da verdade da doença (aqui, mental), afastar tudo aquilo que possa mascarar, confundir, alimentar e estimular a loucura no paciente. É, também, um lugar de confronto entre a loucura (vontade perturbada, paixão pervertida) com uma vontade reta e paixão ortodoxa. Este confronto inevitável (e desejável) tem dois efeitos: a vontade do doente (o mal) se opõe, pela resistência, à vontade reta do médico e, a partir daí a luta que se instala (se for bem levada) deverá conduzir a vontade reta à vitória, e a vontade perturbada à submissão e à renúncia. Um processo de oposição, de luta e de dominação. "Deve-se aplicar um método perturbador, quebrar o espasmo... Deve-se subjugar todo o caráter de certos doentes, vencer suas pretensões, domar seus arroubos, quebrar seu orgulho, ao passo que se deve excitar e encorajar os outros."

O Hospital psiquiátrico como lugar de diagnóstico e de classificação, onde as espécies de doenças, como numa horta, são divididas em compartimentos biológicos. Espaço fechado para um confronto, lugar de uma disputa, campo institucional onde se trata de vitória e de submissão. O médico psiquiatra é aquele que pode dizer a verdade da doença pelo saber que dela possui e aquele que pode produzir a doença em sua verdade e submetê-la, na realidade, pelo poder que sua vontade exerce sobre o próprio doente. É o "mestre da loucura" (seja pelo seu saber como pelas condições do "tratamento": duchas frias, pregações morais, encorajamentos ou repreensões, disciplina rigorosa, trabalho obrigatório, ou pelo receituário farmacológico — antipsicóticos, ansiolíticos, p. ex.). O médico como produtor da verdade. Afinal, o médico é competente, conhece as doenças e os doentes, detém um saber científico; isso justifica sua intervenção e a sua decisão. Agora, o poder médico lhe permite produzir doravante a verdade da doença mental cuja propriedade é a de reproduzir fenômenos inteiramente acessíveis ao conhecimento. Exemplo: a descrição da Histeria.

O começo da crise da psiquiatria começaria quando se colocou em questão o poder do médico. Seu poder e o efeito que produzia sobre o doente, mais ainda que seu saber e a verdade daquilo que dizia sobre a doença.

Poder-se-ia agora falar da anti-psiquiatria (movimento que tentou, e tenta, reformar a psiquiatria tentando deslocar, mascarar, eliminar e anular a relação de poder nas instituições psiquiátricas), mas talvez seja melhor



abordar o processo de "despsiquiatrização" que aparece logo após Charcot (provocava ataques de histeria em pacientes).

Neste processo de "despsiquiatrização" não se trata de anular o poder do médico ou de deslocar esse poder em nome de um saber mais exato, mas de reestabelecer um poder médico que Charcot havia abalado. Através de alguns processos. Primeiro, através de Babinski, fazendo o mesmo com os Hospitais psiquiátricos que Pasteur fez com os Hospitais: articular diretamente o diagnóstico e a terapêutica, o conhecimento da natureza da doença e a supressão de suas manifestações: o poder médico não perde sua relação de poder sobre o doente, ao contrário, aumenta este poder através da psico-cirurgia e a farmacologia. Segundo: tornar a produção da verdade sobre a loucura a mais intensa possível , mas fazendo da maneira que as relações de poder entre médico e doente sejam investidos equitativamente nesta produção. Daí o afastamento de todos os efeitos característicos do espaço asilar. Novas regras: regra do encontro pri-

vado entre médico e doente a nível de discurso: "só lhe peço uma coisa que é dizer, efetivamente, tudo o que passa pela sua cabeça"; regra do divã, quando o poder do médico se reitera inteiramente no silêncio e na invisibilidade. Terceiro: a psicanálise. Uma retirada para fora do espaço do asilo a fim de apagar os efeitos paradoxais do sobre-poder psiquiátrico. É, também, uma reconstituição do poder médico, produtor de verdade, no espaço preparado para que esta produção permaneça sempre adequada ao poder. O pagamento financeiro impede que a produção da verdade não se torne um contra-poder que dificulte, anule e revire o poder do médico.

A antipsiquiatria vem então se opor a estas grandes formas de despsiquiatrização, conservadoras de poder. Em vez da retirada por fora do espaço asilar, propõe a destruição sistemática através de um trabalho interno. Trata-se de transferir para o próprio doente o poder de produzir a sua loucura e a verdade de sua loucura ao invés de procurar reduzí-la a nada. No cerne da antipsiquiatria existe a luta com, em e contra a instituição. Quando no começo do século XIX foram instaladas as grandes estruturas asilares, estas eram justificadas pela maravilhosa harmonia entre as exigências da ordem social, que pedia proteção contra a desordem dos loucos, e necessidades da terapêutica, que pediam o isolamento dos doentes. Para justificar o isolamento dos loucos, as razões apresentadas são: 1) garantir a segurança pessoal dos loucos e de suas famílias; 2) liberá-los das influências externas; 3) vencer suas resistências pessoais; 4) submetê-los a um regime médico; 5) impor-lhes novos hábitos intelectuais e morais. Em suma, dominar o poder do louco, neutralizar os poderes que de fora possam se exercer sobre ele, estabelecer um poder terapêutico e de adestramento, de "ortopedia".

A Instituição Hospital Psiquiátrico é o lugar, forma de distribuição e mecanismo destas relações de poder. O poder do médico aumenta tão vertiginosamente quanto diminui o poder do doente (que passa a ser um cidadão sem direitos). O que justifica a psiquatria era o tripé direito absoluto da não-loucura sobre a loucura, do bom senso no acesso à realidade corrigindo erros (ilusões, alucinações), da normalidade se impondo à desordem e ao desvio. Um jogo de relações de poder que dá origem a um conhecimento (afinal, o médico "possui" um conhecimento sobre a doença) que, por sua vez, funda os direitos deste poder. Círculo vicioso que caracteriza a psiquiatria "clássica".

A antipsiquiatria luta pela desmedicalização da loucura. Pela libertação da loucura em relação a esta forma singular de saber-poder, produção de verdade, que é o conhecimento. Perguntarão se é possível que a produção da verdade da loucura possa se efetuar em formas que não sejam as da relação de conhecimento? Pergunta que só tem lugar numa Utopia. De fato, ela se coloca concretamente todos os dias a propósito do papel do médico; do sujeito depositário do estatuto do conhecimento, no trabalho da despsiquiatrização.

Michel Foucault, in "Microfísica do Poder"

Viver é Uma Questão de Sorte?

Sabemos que nossa sociedade é injusta, violenta, desumana, mas, muitas vezes, sabemos isso como quem na verdade não sabe, não acredita, como quem não sente isso. É que quem mais sente mesmo essas coisas são os mesmos que estão mais frágeis, onde essa situação não faz questão de se esconder.

Tem um pessoal do Acompanhamento de Família III e eu que esteve tentando fazer um trabalho diferente na vila Tronco da grande Cruzeiro, e eu estou querendo com esse artigo simplesmente contar algo que aconteceu lá há pouco tempo, e como eu vejo o que envolve esses fatos.

A vila está colocada sobre um terreno da Prefeitura. E o plano piloto da cidade prevê uma avenida cortando a vila ao meio para a qual seria preciso "remover" 300 famílias. A associação da comunidade há tempo vem conversando com a Prefeitura sobre a urbanização da área (o maior problema lá é o esgoto tanto em volta das "casas" como saindo nas torneiras) e precisando exigir como se isso não fosse um dever público e um direito legítimo dessa comunidade. Até me pergunto por que não há um bairro sequer, onde resida gente bem menos pobre (financeiramente) que tenha problemas assim com água e esgoto. E a associação conseguiu uma garantia de que só se faria a avenida se houvesse um local próximo onde essas famílias pudessem morar, esse com água e esgoto. E que fosse próximo do centro como a vila é. Ali cabe outro porquê: Por que é "natural" que se pense que essas comunidades devem estar na periferia da cidade? Com o que as lideranças da comunidade também estão preocupadas é que, ao se fazer a avenida, sem a garantia de

que as pessoas que moram lá possam permanecer se quiserem, ao ser valorizado o local (com a abertura da avenida), aproveita-se da situação precária dessas famílias, de suas necessidades, de suas faltas de porções e os terrenos sejam comprados a baixo preço para quem se interessar. Seria uma maneira de expulsão, que penso não ser menos violenta do que outras, com a mesma falta de respeito às suas dignidades, seria explorá-los nas suas circunstâncias. Mas o que aconteceu não foi bem isso. É que de repente apareceram funcionários da prefeitura acompanhados de brigadianos "visitando" umas famílias, "aconselhando-as" a se retirar, porque ia se começar a fazer a avenida, e já havia "casas" prontas para elas naquele terreno próximo combinado. Aconteceu que algumas "livremente" escolheram mudar-se, enquanto a maioria em assembléia resolveu "se achar no direito de escolher não ir" mesmo porque só há 20 "casas" dessas, apertadas (algumas até menores que outras da vila), e sem água ou esgoto, como se já etivessem acostumados com isso mesmo. O pessoal também desconfiou que essa atitude da prefeitura tem algo a ver com as eleições próximas.

No dia de começar a "remoção" (como se fossem remover lixos), concentraram-se muitos brigadianos com os funcionários. A maioria dos moradores com as lideranças (em grande parte donas-de-casa) estavam no local pacificamente com um documento escrito, ainda tendo que dar explicações por que simplesmente não queriam sair. Enquanto o presidente da associação foi telefonar chamando um repórter da ZH para registrar o fato, os soldados levaram com uma corda de isolamento as pessoas para fora da vila. Ao voltar o presidente, não aceitou que não pudessem estar, entrar na vila onde sempre moraram, e começou a caminhar na direção da entrada da mesma, na direção da corrente de policiais. Ao se aproximar, foi agredido e arrastado pra fora. As mulheres foram defendê-lo e levaram algumas porretadas (inclusive uma senhora grávida além de outras que conhecemos). Outra teve o braço quebrado ao tentar apanhar do chão o documento que tinha escrito e que ao ser mostrado foi arrancado e rasgado. Este fato teve quase uma página da ZH do dia seguinte, só que com algumas modificações: dizia que o presidente da associação estava à frente de "um grupo" (e não a maioria), que tinha agredido primeiro (ele não reagiu com agressões ou violência, nem depois ao ser levado preso), e que a abertura da av. ou a retirada daquelas famílias era obrigatória. E para ridicularizar o presidente da associação, citou que foi solto, à tardinha, da prisão, com uma fiança de apenas NCz$ 10. Soubemos depois pelo próprio repórter que sua matéria não fora aceita como originalmente havia escrito, porque "não estava muito clara", sendo modificada para poder ser publicada. Depois não é de estranhar que tanto se diga por aí que "essa gente de vila é desorganizada, violenta, agitadora, um estorvo para o crescimento da cidade." Também não ficou claro a importante vitória da comunidade, já que a Av. não foi aberta, e foi conseguida a garantia junto à Prefeitura de que a polícia não voltará.

Quando a gente quiser pensar sobre coisas como essas, quando estiver disposto, acho que temos de pensar a fundo, e vendo os absurdos inaceitáveis que há por detrás dessas situações, inaceitáveis pra quem acredita que as pessoas tenham os mesmos direitos, o mesmo valor, a mesma dignidade, independentemente de onde mora ou como mora, ou o absurdo anterior de ter gente que só tem pra beber dos esgotos dessa sociedade, dos seus restos. Se pensarmos bem não julgaremos de todo culpados somente os soldados que penso terem uma parcela até pequena, e veremos que mesmo que saibamos todos os índices e fatos das injustiças, esse saber só também é inútil e injusto, se nós ao mesmo tempo acreditamos que essas porretadas em nada também nos machucam, até mesmo por permitirmos que sejam dadas (até sem querer), ou por nem mesmo acreditarmos que há maneiras de não deixar que isto exista e aconteça.

Parece ser grande coisa fazer uma denúncia como esta, mas sinceramente não acho ninguém melhor que ninguém, e penso que humildemente cada um de nós pode fazer a sua parte, é só acreditar no seu próprio coração, ou que se possa amar (por que não dizer?), que se possa fazer alguma coisa, ser solidário, não por pena, não solidário só aos pobres, mas a nossa condição de seres humanos que tantas vezes esquecemos.

Pra não incomodar mais do que nos ensinaram a conseguir pensar, uma última pergunta será que é questão de sorte ter nascido onde nasci, tendo chance de morar numa boa casa e "estudar" e não ter nascido numa família onde o maior sonho é ter água limpa e um canto pra viver? (em paz).

Jaba
ATM 92/2

Biblioteca
FAMED/HCPA

REICH, Wilhelm

É preciso falar de Reich...
O que ele fez é muito importante.
Compreender o que ele fez já não é muito fácil.
Compreender porque não se fala de Reich — nem se faz o que ele fez — já é um dos mistérios do mundo presente. Ou do antigo.
Reich descobriu o corpo do homem ocidental que, por 2000 anos, havia existido no corpo.
Porque inconsciente e corpo se confundem — como Freud sabia.
Sabia, mas não usou — nem quis aprofundar. Freud preferiu ouvir as pessoas, afastando-se deliberadamente dos olhos.
Conclusão: os olhos atrapalham as pessoas.
Reich decidiu olhar. E viu.
Viu que o dentro está por fora. O inconsciente — a história genética e a história individual — está no corpo — é o corpo.
O livro está aí. Sempre aberto e folheável.
Ninguém queria ler — ou ninguém sabia ler. Acho que não queria.
Assusta.
Assusta ver-se cercado de ódios, rancores, ressentimentos e invejas que estão aí o tempo todo — basta olhar.
É o sorriso irônico, o olhar desconfiado, o encolher de ombros, a voz chorosa, o gesto contundente — tudo isso se vê. Tudo isso confude enormemente as pessoas porque tudo isso devia estar escondido — devia ser invisível.
Freud foi o último pilar da tradição. Ele também achava que nós escondemos — reprimimos — aquilo que nosso mundo social diz que é feio.
Que quer dizer reprimir?
Para Freud, que ouvia, mas não via as pessoas, reprimir quer dizer: não falar a respeito. Nem para o outro nem para si mesmo. Mas não é por não falar que eu não mostro. Tudo que há em mim e que não aparece na frase, aparece na voz, no olhar, no gesto, na atitude. É questão de saber ler.
Reich aprendeu a ler o corpo humano e descobriu que nós não escondemos nada. Tudo aparece.
Claro que papai, mamãe, o professor, o padre, o presidente, são gente e têm defeitos — flagrantes! Fáceis de ver. Mas não se deve falar a respeito.
Com nossos defeitos, fazemos o que aprendemos a fazer — não os vemos. Mas eles estão aí, visíveis e potentes, alimentando todas as coisas "misteriosas" que há no mundo — simpatias e antipatias gratuitas, aproximações e afastamentos inexplicáveis, brigas, brigas e mais brigas incompreensíveis.
É porque o corpo é honesto e mostra sempre como está, o que sente, o que busca, o que teme, o que ama, o que odeia. O inconsciente é de todo visível — esse o primeiro passo gigante, quando ainda ensinava no Seminário Psicanalítico de Viena, lá pelos 30. Há 50 anos pois — já faz meio século — você sabia?
Daí nasceu a "Análise do Caráter", a meu ver o livro mais importante já escrito sobre o homem e a importância de seu corpo. Sem detalhes, ele pode dar fundamento científico a todo o existencialismo e a toda a fenomenologia.

Reich foi o primeiro cientista ocidental a examinar com uma profundidade assustadora o valor e o significado do contacto humano. Da carícia.

A carícia, sábia, precisa, amorosa, segura, implacável — carícia é o maior agente de transformação pessoal. A carícia é o pior agente de tortura que um ser humano pode usar.

A verdade é muito simples: desde que nascemos — e antes — reagimos a tudo que nos fere e machuca, encolhendo o corpo — contraindo músculos mil, dez mil, cem mil vezes. Nossa proteção sábia é um caixão.

Há mil modos de desfazer o caixão — mas o quase defunto resiste tenazmente a quase todos eles. É preciso muita fé para sair da casca e os moluscos não costumam ter muita fé. O meio mais atuante para que a ostra abandone, a casca é a carícia. A carícia, que é o contrário da agressão, que é o jeito que desarma, que é o gesto que acolhe.

Por isso, carícias são torturas. Mostram bem — bem demais — tudo o que perdemos.

Reich começou olhando e terminou tocando ao paciente. Nu. Há muitos anos que Reich e seus seguidores cuidam das pessoas nuas.

A fim de ver, sentir e tocar o corpo onde ele está fechado, encolhido, preso. Para que ele se abra, se expanda, palpite, respeite e viva. Reich foi o primeiro sinal de que o corpo humano ia começar a viver.

De que as pessoas iam começar a se ver. De que as pessoas iam começar a se acariciar. A se conhecer.

A transar a transa que não é mais a do Velho Patriarca nem a de sua excelentíssima esposa, a Grande Mãe. Nem dos irmãos.

Gente apenas — sem parentesco, sem clã, sem tribo, sem igrejinha, sem panelinha.

Eu, você, ele, nós, vós, eles.

"A Função do Orgasmo" é um bom começo para se conhecer Reich, o terrível.

Dr. J.A. Gaiarsa — prefácio de "A Função do Orgasmo"
W. Reich.

P.S. Reich morreu na cadeia. Nos Estados Unidos da América. Sob a acusação de charlatanismo. Condenado sem julgamento porque não compareceu a julgamento. Galileu e Giordano Bruno sofreram em época de obscurantismo e ignorância generalizada. Que desculpa se inventará para isentar a justiça da mais democrática das nações do mundo?

WALLFLOWER

Seis por seis — de parede à parede
Papelões nas janelas — nenhuma luz.
Umidade no chão, você abatido na cama.
Eles estão tentando te deixar louco — deixá-lo fora de si
Eles te alimentam com lixo e com mentiras
Para baixar suas defesas — nenhuma transigência
Nada que você possa fazer, o dia pode ser longo
Sua mente está trabalhando em excesso, seu corpo não é tão forte
Continue.
Eles te jogam em uma cela, então você não pode ser ouvido
Deixe seu espírito permanecer indomado, você consegue não ser atingido?
Continue
Você tem jogado com a própria vida e você enfrenta a noite sozinho.
Enquanto os construtores das prisões dormem com balas, porretes e pedras.
Eles não vêem sua estrada para a liberdade
que você construiu com carne e osso
Eles te levam para fora — a luz queima seus olhos
Rumo à sala de interrogatórios — Não é surpresa
Pesadas perguntas por paletós brancos imaculados
Seus olhos são tão cegos como o juramento Hipocrático
Eles te dizem como se comportar se comportar como um convidado.
Você procura resistir a eles, você faz o melhor de si.
Eles te levam até seus limites, eles te levam além.
Para tudo que eles estão fazendo não há como reagir.
Continue.
Pode ser que você desapareça, você não será esquecido aqui.
E eu lhe direi que vou fazer o que puder e eu farei o que eu puder.

Peter Gabriel

REICH, 89
(Parte II — O Resgate)

A verdadeira prisão está em nosso interior, presídio de segurança máxima. Porque somos juiz, advogado, vigia e carcereiro.

E, é claro, sobretudo PRISIONEIRO.

E quantas vezes não fazemos sessões de tortura. Algoz e vítima. Dentro de pesadas muralhas musculares.

Prisões e muros não são o suficiente, quando se trata de abafar, essa ebulição de impulsos e sentimentos da VIDA VIVA: nosso cerne biológico. Alguma coisa sempre escapa, e escapa o tempo todo. Só que nesse processo de pular muros e atravessar cercas, aquilo que nasce do mais íntimo de nosso ser (impulsos primários) chega à superfície de uma forma um tanto esfarrapada e descaracterizada (impulsos secundários). Assim é que o amor chega com cara de ódio, ódio chega com cara de polidez e hipocrisia, sexualidade chega com cara de perversão sexual, liberdade chega com cara de fascismo, prazer chega com cara de angústia, eros chega com cara de Thanatos. Esses impulsos secundários, essa segunda natureza — que é uma anti-natureza — é o produto artificial de uma milenar cultura humana negadora do sexo, de sua lei biológica, e carregam em si tamanha destrutividade que necessitam de freios sociais que os contenham: uma prisão leva à outra... O exemplo mais típico é esse: "A repressão sexual de índole moralista cria impulsos secundários (perversos), e estes fazem da supressão moralista algo necessário (...) Se agora propusermos aos defensores da repressão sexual eliminar os impulsos secundários pela liberação da gratificação sexual natural, ele reagirá de maneira típica, não com aceitação e correção, mas com argumentos irracionais, silêncio ou mesmo ódio. É emocionalmente importante que continuem existindo tanto a repressão como os impulsos secundários. Por paradoxal que isso posse parecer, a razão é simples: TÊM MEDO AOS IMPULSOS NATURAIS.

Assim, o homem dito civilizado desenvolveu uma estrutura psíquica que consiste em três estratos: "na superfície, usa a máscara artificial do autocontrole, da insincera polidez compulsiva e da pseudo-socialidade. Essa máscara esconde o segundo estrato, o inconsciente freudiano, no qual sadismo, avareza, sensualidade, inveja, perversões de toda sorte, etc. são mantidos sob controle, não sendo, entretanto, privados da mais leve quantidade de energia. Por baixo disso, na profundidade, existem e agem socialidade e sexualidade naturais, a alegria espontânea no trabalho e a capacidade para o amor. Esse terceiro e mais profundo estrato, que representa o cerne biológico da estrutura humana, é inconsciente e temido. Está em desacordo com todos os aspectos da educação e do controle autoritários. Ao mesmo tempo, é a única esperança real que o homem tem de dominar, um dia, a miséria social".

Depois de emparedar e trancafiar seu cerne biológico no mais remoto e esquecido porão de seu ser, depois de manter exércitos de guardiões nas saídas e usar o próprio corpo como prisão, o homem encouraçado, digo, civilizado, está aleijado: falta-lhe uma parte; falta a parte mais importante: sua essência, sua vida. Essa ausência é sentida como desolação existencial, é o enorme vazio inteiro, que tentará inutilmente ser preenchido pelo consumismo desenfreado do homem boca, esse aspirador de pó do planeta, buraco negro do universo. "Agora em nova embalagem". É também essa ausência que causa o sentimento de incompletude, incompreensão, temor e insegurança (já que lhe falta um pedaço), e que o leva a atirar a respoNSABILIDADE sobre sua própria vida em cima de um Fuhrer ou político, um movimento velho conhecido da infância, aprendido em família. É a raiz do fascismo.

A prisão... Construímos fora a prisão que trazemos dentro. Em toda parte, em todos os níveis, para todos os gostos. Do útero diretamente ao berço, dentro da "Família" que mora dentro de uma caixa cercada, eletrificada, estanque e com janelas televisivas, de onde só se sai dentro de uma cápsula automotiva rumo ao "trabalho" ou à "escola" a grande caixa-forte

onde se veda com epoxy os últimos poros por onde poderia se transpirar a vida viva e livre. Porque, para o homem encouraçado não há nada mais horripilante e amedrontador que o encontro com a vida viva; é a angústia do aleijado em se defrontar com o membro que lhe falta, lembrando-o assim sua condição de aleijado. Por isso todo mundo tem de ser aleijado. Por isso os recém-nascidos precisam ser encaixados e normatizados de modo a precocemente perderem a vida, a fim de que não incomodem (criança saudável é criança que não incomoda). E todos aqueles que, por acidente, encontrem o caminho da vida, a saída da prisão, devem ser postos na prisão (aquela de cimento e tijolos, já que não possuem mais sua prisão caracterológica). Ou no Hospício, tanto faz.

"Escapar de uma armadilha é possível. Mas para alguém sair de uma prisão, primeiro precisa reconhecer que está numa prisão. A armadilha é a estrutura emocional do homem, sua estrutura de caráter.

Pode-se enfeitar a prisão para torná-la mais habitável. Isto é feito pelos Miguel Ângelos, Shakespeares, os Goethes. Podem-se inventar artifícios para prolongar a vida na prisão. Isso é feito pelos grandes cientistas e médicos, os Meyers, os Pasteurs e os Flemings. Alguém pode mostrar-se muito hábil em tornar a soldar os ossos quebrados dos que caem na armadilha. Mas o essencial ainda é: encontrar a saída da prisão. ONDE ESTÁ A SAÍDA QUE CONDUZ AO INFINITO ESPAÇO ABERTO? Mas vejamos a situação mais ridícula, e ao mesmo tempo mais trágica:

A SAÍDA É CLARAMENTE VISÍVEL PARA TODOS QUE ESTÃO PRESOS NA ARMADILHA. MAS NINGUÉM PARECE VÊ-LA. TODOS SABEM ONDE ESTÁ A SAÍDA, MAS NINGUÉM SE MOVE EM DIREÇÃO A ELA, PIOR AINDA, QUEM QUER QUE A INDIQUE, QUE FAÇA UM MOVIMENTO EM DIREÇÃO A ELA, É DECLARADO LOUCO, CRIMINOSO, PECADOR DIGNO DE QUEIMAR NO INFERNO.

No fim das contas o problema não está na armadilha, nem mesmo no descobrir a saída. O problema está nos prisioneiros. Se algum deles tentar sair, os outros o matam. Muitos poucos conseguem sair, esgueirando-se para fora da prisão à noite, quando todos dormem. As chaves para sair da prisão estão cimentadas na armadura do nosso caráter e na rigidez mecânica do corpo e da alma.

Se você viver durante muito tempo no fundo de uma cava escura, você detestará a luz do sol. É mesmo possível que seus olhos acabem por perder a capacidade de tolerar a luz. Eis o porquê do ódio à vida. Eis porque Cristo, Giordano Bruno e Reich tinham de morrer. Eram livres, conheciam a saída da prisão e a mostravam para todos: por isso foram presos. Representavam o princípio da vida em si; por isso foram mortos. E continuam sendo mortos, em cada criança que nasce, em cada livro que se queima, em cada chave que se esconde.

Fernando Ganso
Residente Medicina — UNICAMP

Crítica Musical do Bisturi

por Júlio Cesar Weissheimer e Rogériode Souza Duarte

NEW YORK — LOU REED (SIRE/WEA)

São mais do que duas décadas de estrada, das quais 19 anos em carreira solo e um pedestal próprio no Rock'n'Roll. Hall of fame que fazem de Lou Reed um dos maiores mitos do Rock'n'Roll. Em sua carreira, este novaiorquino criou quinze LPs de estúdio e quatro ao vivo caracterizados por uma extrema coerência e alto padrão de qualidade, embora sempre alternassem entre o genial ("transformer" de 72, "Berlim" de 73 e "Street Hassle" de 78) onde desfiam-se pérolas musicais, e o pouco inspirado ("The Bells" de 79, "Growing Up In A Public" de 80 e "Mistrial" de 86).

Em "New York", encontramos Lou genial. Pela primeira vez, ele fez um trabalho no qual chegou a reescrever várias vezes a mesma música, ao invés de deixar rolar o improvismo. Lou Reed desenvolveu, para este LP, uma técnica de microfonação especial para gravar melhor guitarras e fender com amplificadores valvuolizados. O resultado é ótimo associado ao caráter minimalista (sem inclusão de qualquer instrumento além de guitarra, baixo, bateria) e a narração descritiva estilo Chandler desempenhada por Lou. Tudo soa áspero e com vigor, sem deixar de ser ao mesmo tempo rebelde e intelectual.

Este vinil tem 55 minutos de pura "experiência urbana" americana. Deve ser ouvido como se fosse um romance, ou seja, tudo de uma vez. Em "New York" há temas políticos, "There's no Time" s "Straw-man", nos quais há uma crítica severa a pregadores, moralistas e políticos hipócritas e "Sick of you", um humor sarcástico a política por um novaiorquino. Há temas que tratam da passagem da infância para a adolescência, "Dirty Boulevard", e desdobramentos amorosos como em "Romeo and Juliet". Lou põe as cartas na mesa a Kurt Waldheim e ao pastor Jesse Jacson soltando críticas num cinismo característico em "Good Everning Mr Waldheim". O lado 2 abre com a conceitual "Busload of Faith", a qual mostra de maneira perfeita o trabalho com 2 guitarras em 2 canais distintos onde há superposição de solos e bases no mais puro Rock'n'Roll. Há temas ecológicos "Lost Great American Whale" e uma música especialmente dedicada a seu padrinho Andy Warhol, a metafísica "Dine Store Mistery". Convém salientar a participação de Dion no backing vocal em "Dirty Boulevard" e da Exvelvet Mo Tucker na bateria.

Sem dúvida alguma, "New York" será um dos melhores LPs do ano. É algo como uma prova de vitalidade do Rock'n'Roll que ainda de vez em quando mostra o seu vigor. Lou Reed dá uma prova de como é possível ser autêntico e genial, sem cair no mainstream e fazer babaquices como outros de sua geração (Dylan, Jagger, Bowie...). Além disso, vem a ser uma obra-prima numa época em que quase todos desta nova geração de músicos ?!? pop ficam apertando botões, sampleando bobagens e recriando mesmices para suprir um mercado Yuppie desvairado.

Júlio Weissheimer

GREEN-R.E.M. (WARNER/WEA)

O R.E.M. é uma das bandas que surgiram com o movimento new-traditionalist nos E.U.A., há alguns anos atrás. Para tanto, tem como base de seu som uma inspiração country, utilizando elementos de FOLK, PSICODELISMO e até PUNK. As guitarras são ora dedilhadas suavemente, ora pesadas, emoldurando as intervenções cheias de sentimento de Michael Stipe, o excêntrico vocalista da banda. As letras são inteligentes, por vezes irônicas, com uma acentuada preocupação política e ecológica ("GREEN") e/ou psicodélicas.

O R.E.M. veio de Athens, Georgia, num tempo em que qualquer pessoa podia pegar uma guitarra e com três acordes fazer música, ou seja, logo após a explosão do PUNK. Aos poucos eles foram conquistando as rádios universitárias americanas, e após o LP "DOCUMENT" de 87, a América inteira e o mundo. Após, fizeram um contrato multimilionário com a WARNER, deixando o selo independente I.R.S., pelo qual haviam editado todos os seus 5 LPs: MURMUR (83), RECKONING (84), FABLES OF THE RECONSTRUCTION (85), LIFES RICH PEAGENT (86) (o melhor) e DOCUMENT (87).

O LP "GREEN" é assim acompanhado de uma expectativa, pois especula-se muito se o R.E.M. será capaz de manter a qualidade de seu som numa gravadora grande. O disco começa já com uma confissão: "HELLO, I'M SORRY, I LOST MYSELF"... — na irônica faixa de abertura "POP SONG 89". O R.E.M. brinca com a expectativa numa demonstração de que "não se vendeu" ao sucesso comercial. A sonoridade country está bem mais implícita, a guitarra de Peter Bulk ganhou em peso, mas não perdeu muito em criatividade, como se nota nas faixas acústicas "YOU'RE THE EVERYTHING", "THE WRONG CHILD" (esta a mais psicodélica do disco) e "HAIRSHIRT", nas quais a guitarra elétrica cede espaço aos violões e banjos. Irresistíveis já à primeira audição são os hits "WORLD LEADER PRETEND" (a primeira letra do R.E.M. a ser encartada em disco) e "STAND", uma espécie de "escorregão" da banda para o POP. Mas todo o seu vigor a banda mostra nas faixas "CRANGE CRUSH" "TURN YOU INSIDE-OUT" e "GET UP", com os inconfundíveis balking-vocals tecendo as melodias com o vocal-solo de Michael Stipe. Há também a quase indigerível "I REMEMBER CALIFORNIA" e a levial canção sem nome que fecha o LP.

É importante que, ao ouvir este disco, preste-se atenção nas letras, como é o caso da que está no encarte, aonde falam de um governante autoritário que percebe que fez tudo errado, não vendo mais sentido na quantidade de armas e no poder que tem. É de se ouvir atentamente, também, a letra de "THE WRONG CHILD", onde percebe-se uma TRIP LISÉRGICA-PSICÓTICA.

Num tempo em que a pose e a frieza eletrônica dominam o cenário POP, este "GREEN" é um tônico de vigor e autenticidade, o que o torna imperdível para as mentes cansadas de muita dança e pouca profundidade.

Rogério de Souza Duarte — ATM 92/2

Obs. Este espaço está aberto para os estudantes de medicina que desejam colaborar com assuntos de qualquer tendência musical.

Se você estiver interessado, procurar Júlio Weissheimer e/ou Rogério de Souza Duarte ambos da ATM 92/2.

Biblioteca
FAMED/HCPA

Nada de saúde, nada de pessoas.

DEDICADO A MÁRCIA (1º SEM/MED/UFRGS)

No início, era o primeiro ano. Nada de hospital, nada de Faculdade de Medicina, nada, nada de medicina. Nada de pacientes, nada de patologias, nada de doentes, nada de pessoas. Nada de saúde. Apenas disciplinas no Instituto de Biociências, como uma extensão natural da escola. Embora relacionadas e totalmente restritas à dita área Biológica, pareciam disciplinas inofensivas. Fui levando tranqüilamente. Fáceis sem muita cobrança, aparentam, e acaso o são, perda de tempo, desnecessárias, chatas; estariam lá para amansar os alunos, começar a sua iniciação na "alva" carreira da "Medicina".

Ao menos é o que me parece agora. Preparação: começo da aceitação da competição, da submissão, da arrogância, da separação dos "outros" (biologia, exatas, e... argh... humanas!). Para os desavisados e despreparados (quase todos), o início da rotina do stress, do estudo intenso-extenso, a resignação. Para os "espertinhos", uma rotina de "ir levando", estudando de véspera, ir passando como der. Uns lutando pelo "status", que já tinham, outros o exercendo "socialmente", sem muita preocupação. Mas, ainda passando em quaisquer variações possíveis e existentes de fato, ainda no segundo ano persistem pontos básicos iguais para todos: nada de hospital, nada de medicina, nada de Faculdade, de patologia, pacientes, doentes, pessoas. Nada de saúde.

Passei os dois primeiros anos, no geral, no segundo grupo: o dos que não se esforçam muito.

Comecei o terceiro ano. Farmaco, é importante, me atrai, super importante para a medicina. Que mais importante "arma" tem o médico do que a farmacoterapia? (Era o que me passava pela cabeça) Mas o curso, além de ruim, é totalmente desvinculado de tudo. Estudei um pouco, aprendi, tirei boas notas. Nunca usei, nunca **precisei** saber na época: esqueci.

Patologia, outro pilar da medicina, apesar da convicção, também intragável: à la Histologia (aversão gratuita por isso), é chato, pesado, muita matéria, tudo teórico (no máximo dos máximos lâminas e peças), totalmente desvinculado da necessidade, da prática. Precisei saber a matéria em dois dias, os dias da prova.

Para um, o primeiro, um fim de semana de estudo: 10. Para outro, um e meio: 7. E tudo se foi. Então chegou o ponto crítico: a Semio. A mais importante matéria. O começo da medicina. Falar com o paciente, **ouvir** sua história, depois **tirar** sua história. Examiná-lo, aprender as técnicas de exame. Atraente. Podia ser lindo.

Às vezes, quando podia ficar só com a pessoa, ela até participava, era muito valioso, havia alguma troca. Mas a semio é a iniciação propriamente dita. O primeiro teste: de história de uma pessoa a dois, passa a exame físico de um doente a dez, à história de uma patologia, até à palpação de um fígado, à ausculta de um sopro (sempre a dez). Primeiro teste de ferro. Mas adaptei-me. Consegui andar na enfermaria, engoli os doze ao redor do leito, os quatro estetos, o pulso, a palpação simultâneas. Aprendi a não olhar para a pessoa deitada; se olhasse, não faria o **que era necessário**.

Aí, começam-se as grandes mutações: a indignação cede ao é necessário, a recusa ao abuso, cede ao é preciso ver, sentir, palpar, senão não aprende. O inconcebível vai se impondo; ainda que não concordando, vou me acostumando. Deixando de estranhar, de me horrorizar. Mas, ainda, não havia qualquer responsabilidade. A medicina estava só no começo. O contato com o paciente era pouco, superficial, breve, até chegar no impessoal: tal leito tem uma estenose mitral. Oba! Vamos ver. E tinha a redução do aprender, do descobrir o corpo e mais informações. Apesar da situação de progressiva e agora mais intensa domesticação e submissão (ao menos para mim que não me achava tão já domado!). Consegui acabar o terceiro ano. O primeiro teste se encerra com vitória. Grande transformação já ocorrida.

Começa o quarto ano.

Primeiro estágio: EGA (enfermaria geral de adultos) — doze semanas corridas.

Início abrupto: uma avalanche de informações, muita matéria. Agora aparece a cobrança no dia-a-dia, embora não de fato. Se não souber, e o doente

se dignar (e souber!) ele fala. Agora nasce um pouquinho de responsabilidade possível, que pode variar de ausente, passando por simulada, chegando à real (pouca). Isto na dependência do doente, muito do residente e muito do aluno. E nasce também o contato com o paciente: o objetivo é brincar de médico de um doente. A dupla ou trio de alunos "ganha" um paciente, e o segue.

É aí que estou. E queria chegar.

É aqui que, sinto, chega o teste crucial, definitivo: ou viro médico, ou não. Me parece que para a maioria não há problema: as pessoas **querem ser médicas**, e, neste momento, já quase o são. É aqui que me vejo agora, dividido. Eu também fui sendo "conformado" neste três anos. Mas restam pedaços rebeldes, pedaços sensíveis, pedaços que ainda conseguem botar o seu olho do lado de fora da nossa "cultura" médica. E também continua a domesticação. Cresce o "é necessário", e se transforma muita coisa: a invasividade fica necessário, a iatrogenia, antes atribuída à má-fé, agora vai saindo do ombro das pessoas: é a máquina, é o hospital, é ninguém. Muitas pessoas até se esforçam. A impunidade fica comum, ninguém estranha, nem eu. O poder da decisão, junto ao saber, parece normal que se confine nos de branco. Pois se nem eles o têm direito, como democratizá-lo? A distância entre o homem-paciente e o homem-médico cresce infinitamente, até sobrar médico e paciente. E cresce assim, em mim, em todos, sem a gente estranhar, sem eu notar às vezes. É um processo tão incrível, tão silencioso, tão poderoso, que vai transformando tudo ao meu redor. Na rotina da enfermaria, tudo é tão normal, e ao mesmo tempo tão absurdamente horroroso, violento, inconcebível: eu, sou eu, as pessoas não são más, os médicos, alguns tentam trabalhar direito, os enfermeiros mais ou menos idem, os alunos, na média, se esforçam em fazer o melhor que podem. Tudo normal, nada de excepcional. E, simultaneamente, tudo (e eu junto) é tão incrível: os pacientes são coisificados, desinformados, desrespeitados continuamente. Tratados como máquinas com mais ou menos dinamismo fisiológico, são violados e tratados sem alternativas para o que os médicos acham melhor, salvo raros casos em que características pessoais o impedem, o que em geral é lamentado por todos nós. Suas vidas e mortes tornam-se objetos de trabalho rotineiro, como um relógio quebrado para um relojoeiro: analogia perfeita tanto no método como na prática, como nos resultados: manipulado, e lubrificado e limpo(?), volta para a sua "vida" para trabalhar, e ter, o que é raro na EGA, a grande qualidade de vida de ser um trabalhador no Brasil. A morte, já a senti próxima, é desumanizada: transforma-se num percalço indesejável, que resulta na cama vazia para amanhã e na chegada de novo "caso", nova pasta, novos exames, nova prescrição, nova matéria a estudar. (No máximo, uma leve e passageira sensação de importância).

Não dá quase tempo para a conversa gratuita, sem objetivo médico. Mesmo porque sempre há um monte de coisas que não funciona na grande máquina consertadora de pequenas máquinas, e precisamos correr atrás. Além disso, não dá tempo de ler tudo nos livros, que teoricamente nos levariam a compreender e a aprender a "curar" os nossos doentes.

Outro detalhe é que, na sede máxima do saber da medicina, quase todos são doentes: um aluno com "cefaléia", um doente com sinusite, um com gripe, outro com micose, outro com rinite, outro com uma infecção qualquer. Normal e incrivelmente, tratam-se do mesmo jeito que a todos, e vêem sua saúde conforme sua função. A mim mesmo atacou-me a rinite que há tempos não incomodava.

Mas voltando, parece-me que a EGA é o portal definitivo. Me vejo quase médico. Ajo e reajo como todo mundo, sem querer ser f.d.p. Só me falta estudar mais. Minha memória tem falhado, e acho até que é resquício à incorporação da medicina. Me ocorre que, enquanto puder analisar um caso, diagnosticá-lo e discuti-lo, sobrem dúvidas e possibilidades de contato, de visão e de compreensão das outras pessoas. Puxa, que ignorância valiosa. Mas acabou a moleza. Agora preciso assumir ou não, não há um meio termo. Agora, é preciso estudar e saber e virar médico. Ou largo mão deste curso, ou o caminho nunca me pareceu tão claro e inexorável: estudo, aprendo e me transformo num médico (o que quase já sou), e assim perco minha humanidade. Jamais tal dualismo, tal antagonismo se me veio tão real. Existirá uma terceira alternativa??? Pergunto, ansioso, mas quero resposta sincera.

Agora, no quarto ano, mudam coisas: muito hospital, muita Faculdade de Medicina, muita medicina, muita patologia, muitos doentes, muitos pacientes. Pessoas, apenas para uns poucos, pouquíssimos. Nada de saúde.

Charles Dalcanale Tesser
Medicina/UNICAMP

Luis Fernando Verissimo

As Cobras

Profissão de Febre

Quando chove
Eu chovo,
Faz sol,
Eu faço,
De noite,
Anoiteço
Tem Deus,
Eu rezo,
Não tem,
Esqueço,
Chove de novo,
De novo,
Chovo,
Assobio no vento,
Daqui me vejo,
Lá vou eu,
Gesto no movimento.

Paulo Leminski

Além da Imaginação

Tem gente passando fome.
E não é a fome que você imagina
entre uma refeição e outra.
Tem gente sentindo frio.
E não é o frio que você imagina
entre o chuveiro e a toalha.
Tem gente muito doente.
E não é a doença que você imagina
entre a receita e a aspirina.

Ulisses Tavares, em "Contramão"
(Do livro "O QUE É POESIA MARGINAL", de Glauco Mattoso)

Biblioteca
FAMED/HCPA

"Das estrelas que admirei, molhadas
por rios e rocios diferentes
eu não escolhi senão a que eu amava
e desde então durmo com a noite

Da onda, uma onda e outra onda
verde mar, verde frio, ramo verde
eu não escolhi senão uma só onda
a onda indivisível de teu corpo

Todas as gotas, todas as raízes
todos os fios de luz vieram
vieram me ver tarde ou cedo

Eu quis para mim tua cabeleira
E de todos os dons de minha pátria
só escolhi teu coração selvagem"

Pablo Neruda
dedicado para Deise

RESUMÉ

(Dorothy Parker)

Razors pain you
Rivers are damp
Acids stain you
And drugs cause cramp
Guns aren't lawful
Nooses give
Gas smells awful
You might as well live.

Vanessa Dalcin
ATM 93/1

MATRICULAS ABERTAS PARA O INTEGRADO SEMESTRAL

O VESTIBULAR É APENAS UMA DAS PROVAS.

E por isso o Unificado é muito mais do que um simples cursinho pré-vestibular: é uma instituição, onde um grupo de pessoas se preocupa com a formação cultural do aluno como um todo, onde as matérias específicas de vestibular estão inseridas em um projeto muito maior; o projeto de vida dos candidatos à Universidade. E isso envolve uma formação cultural muito mais abrangente.

O Unificado não se limita a ensinar pequenos truques aplicáveis nas provas de vestibular. Nosso objetivo é possibilitar ao aluno desenvolver suas próprias armas, prepará-lo para enfrentar qualquer desafio. Afinal, Universidade exige maturidade, e o cursinho não dura para sempre.

A vida profissional sim.

É essa filosofia que faz com que o pessoal do Unificado reúna as melhores condições de ensino e tenha se consagrado como o curso pré-vestibular, que aprova mais que todos os outros somados:

Não basta ser cursinho, tem de ser Unificado.

unificado

Alberto Bins, 467 - Fones: 25-6128, 24-6955 e 21-6158.